

Tornar-se mulher em Londres nas décadas de 20 e 30

Sally Alexander*

Tradução: Simone Geraldes e

Heloisa de Faria Cruz**

Revisão técnica: Déa Ribeiro Fenelon**

Introdução

Na memória popular do interguerras duas imagens visuais da classe operária destacam-se: o boné de pano e a estrutura raquítica do homem desempregado cujo rosto abatido e olhos arregalados ainda causam pena ao espectador; e a jovem trabalhadora – de batom, meias de seda e cabelos penteados, citada pelo romancista, dramaturgo e locutor de rádio, J.-B. Priestley, como “uma atriz”. Essa justaposição penetrou na consciência contemporânea. As duas figuras representavam, por um lado, a situação sócio-econômica vivenciada, manifestações contra a fome e os “vinte milhões inadequadamente alimentados” de Orwell; por outro,

a Inglaterra das rodovias e estradas vicinais, dos postos de gasolina, das grandiosas construções fabris, dos belos cinemas, salões de baile e cafês, dos bangalôs em pequenas garagens, dos bares, das Woolworth's***, dos ônibus, dos programas de rádio, das longas caminhadas pelos campos..., das greyhound racings****, das piscinas – tudo divulgado nas campanhas de cigarros.¹

* Membro do Conselho Editorial da *History Workshop Journal* e professora na North East London Polytechnic. Feldman, David e Stedman Jones, Gareth (eds.). *Metropolis. London. Histories and representations since 1800*. Londres e Nova York, Rontledge, 1989.

** Departamento de História da PUC-SP.

*** Uma rede de lojas que vende diversos produtos a preços baixos.

**** Uma espécie de corrida de cães na qual se aposta dinheiro.

1 Priestley, J.-B. *English Journey*, 1934, p. 401; Orwell, George. *The Road to Wigan Pier*, 1937, p. 76.

Esta era a divisão norte/sul. Era também a divisão entre os sexos. Priestley estava lamentando a mudança na estrutura industrial da Grã-Bretanha, ou melhor, os efeitos dessa mudança sobre as pessoas. A força industrial do século XIX foi alcançada através das fornalhas, das minas de carvão, das indústrias têxteis do norte e oeste – o trabalho era vigoroso e intenso e seu rendimento substancial. Priestley lista as indústrias do século XX em contra parte: as casas que produziam chá, espartilhos, e os cabeleireiros na região sudeste e pequenas cidades de *East Anglian*; e mais batatas fritas em pacotes, perfumes, pastas de dente, roupas de banho e extintores de incêndio na região oeste de Londres. O que Priestley particularmente lamenta são as possíveis perdas culturais, devido a influência dos Estados Unidos – especificamente da Califórnia – nos desejos e necessidades dos ingleses: as novas formas de divertimento de massa, o esplendor das campanhas publicitárias, e a transitoriedade do novo consumismo.² Mas também existe o medo de que a Inglaterra e os ingleses corram o risco de serem feminizados pelos programas de rádio, pela adoração das estrelas de cinema, pelas meias de seda e pelos crediários: não apenas porque a nova classe trabalhadora dessas indústrias seja feminina, mas também porque os desejos e as necessidades que essas indústrias suprem são femininos.

A sensação de Priestley de que um pouco da energia essencial da vida inglesa estava sendo consumida pelas novas indústrias e áreas industriais suburbanas, nas quais se expandiam rapidamente ou que as envolviam (como o norte de *Notting Hill*, descrito por Rebecca West nos anos 30 como “uma área arrancada da zona rural e que ainda sentia os efeitos dessa ação”³), ecoou em Orwell, Coles e outros contemporâneos e tem sido reafirmada pelos historiadores.⁴ As feministas também observavam as novas jovens atentamente. “Roupas, chapéus, sapatos, meias, casacos de pele, frasqueiras, estolas – tudo era padronizado”, escreveu, em 1936, Mary Agnes Hamilton, romancista e organizadora de classes trabalhadoras, em 1936, atentando também para a maquiagem

- 2 Sugestivamente, Priestley escreveu o roteiro do filme de Gracie Fields, em 1934, *Sing As We Go*, no qual seu papel era o de uma trabalhadora demitida de uma fábrica em *Lancashire*, que dava a volta por cima invertendo a sorte dos chefes e das colegas de trabalho. Ela parte para *Blackpool*, metáfora para a nova, barata e democrática Inglaterra que Priestley gostava: o norte, dos *music-halls*, das *ladies*, dedicado aos prazeres extravagantes, sensuais – produto da democracia industrial e não dos Estados Unidos.
- 3 West, Rebecca. *Family Memories*, 1987, p. 15.
- 4 Cole, G. D. H. e M. I. *The Condition of Britain*, 1937, p. 25; Pollard, Sidney. *The Development of The British Economy, 1914-1967*, 1973 ed., cap. 5; Middlemas, Keith. *Politics in Industrial Society: The Experience of the British System since 1911*, 1979, p. 17, o qual descreve o “crescimento da classe média... e o norte desprezado”; Stevenson, John. *Social Conditions in Britain between The Wars*, Harmondsworth, 1977, p. 39, pergunta: “O que era mais importante na década de 30, aquele um milhão de desempregados ou aquele um milhão de carros?”.

e seu rosto jovial dessa mulher. Essas jovens fumavam, prosseguia Hamilton; falavam com determinação e não mais se interessavam pela feminilidade. Elas “se consideravam independentes”⁵. A maioria concordava com Ellen Wilkinson, Membro do Parlamento representante de *Jarrow*^{*}, que o “maior problema” causado pelo declínio industrial nas principais indústrias da Grã-Bretanha “estava relacionado aos homens adultos”⁶. Incapazes de encontrar trabalho, eles perdiam *status* em suas famílias e na comunidade pela indignidade de ter de recorrer à Junta de Assistência aos Desempregados. Os novos empregos nas áreas comerciais, que surgiam nas cidades do norte, eram como aqueles das cidades da região sudeste – para jovens, principalmente para mulheres jovens. Homens, qualificados ou não, temiam tanto as mudanças no processo e na estrutura industrial, que tornavam seus trabalhos desnecessários, assim como as novas indústrias abertas pa as mulheres. A miséria absoluta retratada por Max Cohen em *I Was One of the Unemployed*, por exemplo, documenta o sofrimento físico e mental forjado pelo desemprego. O medo acabou gerando a hostilidade e o desrespeito em alguns casos. Aquelas “garotas tolas”, escreveu o romancista socialista John Sommerfield em *May Day*, publicado em 1936, “em seus sintéticos sonhos *hollywoodianos*, em seus patéticos batons e meias de seda, em suas imbecis rivalidades”⁷, destruindo os sonhos deles e delas.

Este ensaio reconsidera alguns desses sonhos e se volta para as jovens que os tinham. Gostaria de questionar o uso do epíteto “feminino” tanto para denegrir as novas indústrias de bens de consumo quanto as necessidades humanas que evocavam.⁸ Parte da explicação para essa difamação está na visão dos movimentos socialistas e

- * Uma cidade industrial na região nordeste da Inglaterra às margens do rio Tynes, a qual possuía importantes estaleiros e usinas siderúrgicas até 1930, quando os problemas econômicos da grande Depressão deixaram várias pessoas desempregadas.
- 5 Hamilton, Mary Agnes. *Changes in Social Life*. In: Stracley, Ray (ed). *Our Freedom and its Results, by Five Women*, 1936, pp. 234-9. Veja também Holtby, Winifred. *Women*, 1934, 1941 ed. (Introdução).
- 6 Wilkinson, Ellen. *The town that was murdered: The Life-Story of Jarrow*, 1939, pp. 262-3.
- 7 Sommerfield, John. *May Day*, 1936, p. 30; Cohen, Max. *I Was One of the Unemployed*, 1945, p. 40.
- 8 O antifeminismo de Priestley é relativamente moderado, o de Orwell é mais violento. Ele dificilmente escreve sobre mulheres, mas quando escreve, é para reduzi-las a uma caricatura física ou mental. As mulheres da classe média são, particulamente, menosprezadas em seus documentários e ficções por serem consideradas “fura-greve” ou materialistas. Veja, por exemplo, *Keep The Aspidistra Flying*, Harmondsworth, 1936, 196, ed., onde o anti-herói Gordon argumenta irritadamente: “A mulher é quem realmente acredita nas leis do dinheiro. O homem obedece; ele tem que obedecer, mas não acredita nelas. É ela quem as mantém atuantes. A mulher e suas vilas em *Putney*, seus casacos de pele, seus bebês, seus vasos de plantas”. Os heróis de John Sommerfield ecoam esses sentimentos, op. cit., pp. 12, 24, 27, etc.

trabalhistas – aos quais Priestley, Orwell, Wilkinson e Coles pertenciam. Os dois movimentos – apesar do total empenho das feministas – eram organizados em torno de questões relacionadas à classe, cujos destinos e formações variavam, mas nas quais o sujeito individual era masculino e baseado na noção da construção da independência através do trabalho e do direito de posse sobre ele. Feminilidade e mulheres, fora da categoria “esposa e mãe”, era uma questão associada ou ao “sexo”, ou, pior, ao prenúncio do “trabalho barato”. O medo do trabalho barato era o ponto fundamental no antagonismo do movimento trabalhista em relação a mulher trabalhadora, porém a difamação do feminino deveria nos alertar sobre os níveis mais profundos de dificuldade. Considerando-se que é através da divisão entre masculinidade e feminilidade que a identidade humana é formada, e o desejo sexual e a reprodução organizados, qualquer mudança nessa divisão provoca ansiedade, e o trabalho é um elemento que interfere na divisão entre homens e mulheres – muito mais instável que as opiniões correntes gostam de supor. Embora a estrutura da divisão sexual do trabalho na indústria moderna fosse constituída na época da Revolução Industrial – na qual o “Trabalho das Mulheres” era considerado desqualificado, mal remunerado e não organizado – seus limites estavam continuamente mudando. As relações sociais do trabalho, em outras palavras, são fundamentais não simplesmente para a compreensão histórica da classe, mas também para a relação diferencial entre os sexos.⁹

Nas décadas de 20 e 30, a divisão sexual do trabalho e a consciência das mulheres sobre elas mesmas – o que significava de fato ser uma mulher – estavam mudando significativamente, e em lugar algum as mudanças eram mais visíveis que em Londres. As famílias eram menores, o dia de trabalho mais curto, os salários (para os que estavam empregados) mais altos, e o número daqueles que viviam abaixo da linha de pobreza menor do que antes da Primeira Guerra.¹⁰ As aspirações também estavam mudando. As mulheres nos sindicatos, no ensino, nos governos locais e grupos feministas, bem como as escritoras de ficção, estavam articulando os desejos das mulheres e tentando persuadir as autoridades a considerá-los, mesmo que se recusassem a realizá-los.¹¹ Mas, surpreendentemente, a publicidade e o cinema, jogando com a fantasia e a excitação, permitiram que as mulheres *imaginassem* um fim para o enfadonho trabalho doméstico

9 Para outras discussões sobre esses temas, Alexander, S. *Women, Class and Sexual Difference in the 1830 and 1840's*, *History Workshop Journal*, 17, primavera de 1984, esp. pp. 126-35.

10 Smith, H. Llewellyn. *The New Survey of London Life and Labour*, vol. 1, 1930, cap. 1.

11 Feministas nas décadas de 20-30 fazendo campanhas pela igualdade de salários, controle de natalidade, custódia das crianças, educação e treinamento para as mulheres, paz nos lares, moradia, saúde e em defesa das mães.

e para o desejo crônico. Imagens de cozinhas e eletrodomésticos modernos e de roupas e maquiagens bonitas e baratas em cartazes, telas de cinema, e nas novas revistas femininas, acrescentavam nova dimensão ao romantismo – uma fonte de prazer da narrativa para a mulher pelo menos desde o século XVIII, e o tormento dos puritanos e críticos da feminilidade¹². Poucas mulheres compravam máquinas de lavar roupa ou substituíam os lavatórios externos pelos banheiros durante os anos 30. Porém, as casas passaram a ser construídas com essas comodidades, e no final da década as famílias se mudavam para elas – apreensivas em relação aos custos da nova vida, mas mudavam¹³.

As mulheres estavam se mudando também para novas áreas de trabalho – escritórios, lojas e serviços de limpeza (os serviços domésticos eram notoriamente impopulares entre as garotas londrinas). O número de mulheres nas novas indústrias que surgiam na Grande Londres – vidros, produtos químicos, metais leves, comércio, manufatura de alimentos e bebidas, por exemplo – estava crescendo. Mas a “tendência geral observada pelo *General Report* no censo de 1931 em relação ao enfraquecimento gradual das influências que restringiam a ocupação de cargos por membros de um sexo, especialmente o sexo masculino”, foi simplesmente uma aceleração no desenvolvimento da produção de massa: a divisão do trabalho em pequenas tarefas repetitivas, e a introdução de maquinário e da mão-de-obra barata.¹⁴ Essa tendência, desigual, local, específica, estava mudando a distribuição de empregos entre homens e mulheres, mas não estava questionando as designações de seus trabalhos. O conteúdo do “trabalho de mulheres” na linguagem coloquial permaneceu o mesmo desde o início do trabalho assalariado: “Os homens faziam o trabalho pesado, o trabalho bom; as mulheres, o trabalho leve” – como um trabalhador de uma fábrica em *Woolwich* colocou. E a

12 Veja, por exemplo, Wollstonecraft, Mary. *A Vindication of The Rights of Women*, 1965, ed., pp. 37, 67-8. A participação da mulher nos romances na década de 30, Leavis, Q. D. *Fiction and The Reading Public*, 1965, pp. 27, 54-60.

13 Bailey, Doris M. *Children of The Green*, 1981, p. 121. Apenas os “verdadeiramente respeitáveis” mudavam-se de *Drury Lane* para *Becontree*, de acordo com Célia Witmot, 2ª entrevista, p. 1. O memorando do Ministério do trabalho para a Comissão Real *Barlow* sobre a Distribuição Geográfica da População Industrial, *Minutes of Evidence*, 1937-9, p. 251, confirmou que os “melhores tipos de pessoas” das áreas pobres foram realocados nos anos 30 pelo LCC.

14 Censo, *General Report*, 1931, p. 111, Londres, *NSL*, vol. II, 1931, p. 19 e vol. 18, 1934, p. 34; *Barlow, Report*, 1939-40, IV, pp. 88-9. Concentração de novas indústrias em Londres, *Barlow, Report*, op. cit., pp. 37-40; e as evidências do Ministério do Comércio, *Barlow, Minutes of Evidence*, op. cit. BS/23/48, p. 50. Veja também nota 16 abaixo. O mais recente estudo sobre o trabalho de mulheres nesse período é de Glucksmann, Miriam. *In a Class of Their Own, Feminist Review*, nº 24, outono de 1986.

distinção básica permanecia a mesma de sempre – o pagamento. “Se eles trabalhassem com rolos de algodão como nós e recebessem o salário pago para mulheres, não hesitariam em entrar em greve”, disse Lily, uma funcionária de uma fábrica de roupas na região leste de Londres. “Um homem poderia fazer o meu serviço”, disse uma escriturária, “mas seu salário teria que ser maior.” Quando as mulheres eram empregadas em serviços de homens seus salários eram menores.¹⁵ Mas, mesmo assim, elas trabalhavam. A localização das novas indústrias era proposital: próximas de seus mercados e da mão-de-obra barata não sindicalizada.¹⁶ Nos anos 20 e 30, as faxineiras de escritórios, as empacotadoras, as balconistas, as datilógrafas tornaram-se visível e repentinamente as tropas de choque da reestruturação industrial.

Quem eram essas mulheres e o que elas queriam? A organização industrial e política das mulheres, o voto, as mudanças na educação, na imprensa, o poder de compra e com esse processo dos hábitos de leitura, de escrita, e até mesmo de recordação, aprofundaram a subjetividade individual. E nos últimos vinte anos, as vozes de algumas mulheres podem ser ouvidas através da autobiografia e da história oral. Ouvir ou ler

15 Senhora Murphy (engenheira elétrica), p. 9, L. Van Duren (*O Vestuário das Mulheres*), 1ª entrevista, p. 19; Senhorita Tugwell (escritório), entrevista: Associação Cooperativa de Mulheres, p. 6; Senhora Payne (couro), 2ª entrevista, p. 1. O Relatório do Comitê do Gabinete de Guerra sobre *Mulheres na Indústria* descobriu que as mulheres “eram habitualmente pagas com salários menores que o dos homens por um trabalho equivalente, sob o pretexto de que elas eram uma classe à parte, sem obrigações familiares, com necessidades menores, com menos capacidade e nível de inteligência menor” (1919, vol 31, p. 254).

16 Entre 1932-1937, 5/6 das novas indústrias da Grã-Bretanha foram construídas na Grande Londres e 1/3 delas, ampliadas. Elas estavam situadas em seus arredores – ao norte, nordeste e oeste onde a terra, transporte e energia eram relativamente baratos. Eram áreas próximas ao mercado consumidor, que ofereciam não mão-de-obra especializada, mas mão-de-obra “adaptável” – jovens, especificamente mulheres jovens. Veja, por exemplo, Barlow, *Report*, op. cit., pp. 46, 88-9, 166-7. Os depoimentos de empregados para Barlow confirmaram a procura pela mão-de-obra “versátil”, ou semiquificada dos operadores de máquinas, a qual se mantinha distante do trabalho organizado do norte da Inglaterra e a preferência pelas mulheres e jovens – Barlow, *Minutes of Evidence*, op. cit., pp. 491-504, e o memorando do Sr. Noel Hobbs, *Chairman, Slough Estate Ltd.*, pp. 336-49. Em 1931, aproximadamente, 1.4 milhão de mulheres acima de 14 anos trabalhavam na Grande Londres (comparado ao 1.1 milhão em 1921). O número de homens que também trabalhava era de 2.7 milhões em uma população de 8.2 milhões. O total de mulheres estava dividido da seguinte forma: 20.000 nas indústrias químicas; 64.000 nas metalúrgicas, fábricas de jóias, etc. (em 1921, 45.000); 167.000 nas indústrias de roupa (em 1922, 137.000); 67.000 nas indústrias de alimentos, bebidas, tabaco; 59.000 nas indústrias de papéis, material para escritório, etc.; 36.000 em outras indústrias de manufatura; 263.000 em comércio e finanças (em 1921, 213.000); 98.000 na administração pública; 21.000 em diversões e esportes; 448.000 em serviços pessoais (em 1921, 334.000) e 86.000 em outras profissões (em 1921, 65.000). Censo, *Industry Tables*, 1931, p. 730.

as descrições das próprias mulheres sobre o modo como evoluíram coloca suas subjetividades – a consciência sobre elas mesmas – no centro da mudança histórica. A subjetividade da mulher é somente um elemento na relação de diferenças entre os sexos, e um que é repleto de dificuldades de interpretação, pois revela não apenas o comportamento, o pensamento, a opinião e as histórias de família para a pesquisa histórica, mas também os processos mentais inconscientes. Isso é, nós ouvimos as fantasias de desejos e privações, as coercivas diretrizes internas da estrutura das diferenças entre os sexos. Os céticos perguntam se pode existir uma *história* da subjetividade, a qual se volta para a psicanálise para tentar compreender esse intrigante processo. Mas a fantasia recorre ao imediato e ao histórico, pois os aspectos de seu conteúdo, forma e contexto e as condições destes estão sempre mudando. Este ensaio é parte de um estudo mais amplo. Nele apenas menciono os primeiros empregos das mulheres e mudanças de suas aparências – uma condição e um símbolo da feminilidade. Seu polêmico propósito, é claro, é discutir a rejeição da feminilidade que permeia a visão da Inglaterra e dos ingleses construída por Orwell e Priestley na década de 30.¹⁷

Tornar-se mulher: o primeiro emprego

Para cada garota que atingisse os quatorze anos, o passo da escola para o trabalho seria o passo para a fase adulta. “Não havia um processo gradual para o amadurecimento”, escreveu Rose Gamble em *Chelsea Child*¹⁸:

Quando você estava na escola, você era uma criança de calças curtas e túnica, e realmente tratada como uma. Mas quando você a deixava no final do período letivo após completar quatorze anos, a infância acabava. Era uma mudança abrupta e decisiva e sua vida mudava da noite para o dia.

Mas o término da infância não era tão absoluto. O fim da escolaridade significava o fim das tarefas escolares e das brincadeiras de criança, mas não o fim das obrigações para com a família e muito menos a conquista da plena identidade adulta. Para uma

17 Entrevistei 21 mulheres, a maioria mais de uma vez, em cinco ocasiões diferentes. Também recorri a entrevistas de outras fontes – histórias orais e autobiografias (de homens e mulheres). Das 21, 20 nasceram nos primeiros vinte anos do século, foram criadas em Londres (com exceção das empregadas domésticas – uma veio de *South Wales* e a outra de *Isle of Wight*), trabalharam durante as décadas de 20 e 30 e deixaram a escola aos 14 anos.

18 Gamble, Rose. *Chelsea Child*, 1979, p. 122; os trechos seguintes foram extraídos de sua autobiografia.

mulher isso vinha com o casamento e com a maternidade; poucas jovens em Londres nos anos 20 e 30 escapavam desse destino. Mas primeiro havia a adolescência – a transição entre a criança e a mulher – quando a identidade está a caminho, quando o salário, as roupas novas e o labirinto de emoções vinculados àqueles anos parecem assegurar a transformação do eu e das relações para com os outros. As lembranças da adolescência são nítidas, talvez porque carreguem o peso da possibilidade – o intenso desejo de saber o que poderia acontecer.

Rose Gamble, uma das cinco crianças que cresceram em *Chelsea** nos anos 20, esperava ansiosamente a mudança da criança para a mulher. Eles viviam em casas de dois cômodos existentes nas ruas e becos atrás da Prefeitura da cidade, onde se mudavam com frequência. A mãe ganhava meio xilim por hora – 25 xilins (1.25 libras) por semana – em uma clínica materno-infantil; o pai – com o qual não se podia muito contar – como ele mesmo uma vez se autodenominou “um administrador de cais” – geralmente estava desempregado. Dodie, a mais velha, em 1928 empolgou-se quando viu um anúncio de emprego para caixa de um armazém em uma tabacaria. Insistindo impetuosamente sobre suas qualificações, apesar da aparência infantil, ela conseguiu o emprego e a família toda celebrou sua conquista. Ela usava tranças e sua mãe mostrava a ela como fazê-las; e deixando a escola sem olhar para trás, ela se lançou de corpo e alma em seu novo emprego. Ela era rápida e prestativa, educada e sorridente com os clientes e funcionários. Ela não se contentava em sentar atrás da caixa registradora. Debruçou-se nos livros de contabilidade, aprendeu a servir e começou a fazer pequenos serviços na parte de floricultura. Ela fazia arranjos de flores e ficou responsável pelo recebimento dos aluguéis dos arrendatários. Cada pêni de seu salário de 10 xilins (50 p) – por uma semana de 56 horas – era entregue a sua mãe. O prazer e a satisfação de Dodie estava em ajudar sua mãe – aliviando a mãe na sua responsabilidade financeira de sustentar a família. Sua única ambição pessoal era ter uma bicicleta; uma ambição não realizada até alguns anos mais tarde quando, ainda no armazém, e ainda entregando todo seu salário (92 1/2 p) para sua mãe, ela tomou conhecimento sobre um outro emprego em uma loja “fina”, próxima a *Sloane Street*** . O mensageiro do armazém, cuja avó também trabalhava no mesmo estabelecimento, falou sobre o emprego num dia em que comentavam sobre as dificuldades financeiras. A elegante loja, que se chamava *Little Gallery*, não apenas complementou a renda da família com um salário de 9 xilins (45 p), mas também empregou a segunda irmã, Luli. Ambas aprenderam muito sobre artes e artesanatos; o irmão mais jovem e a outra irmã também se familiarizaram

* Uma área de Londres conhecida por suas residências e lojas elegantes.

** Uma rua de Londres numa área elegante e cara para se ver.

com a cerâmica, com as pinturas e com os acolchoados que estavam à venda na loja. Rose aprendeu ainda na escola a decorar com celofone as caixas e os convites que também estavam à venda. A *Little Gallery* pertencia a duas irmãs cuja empatia com as jovens funcionárias levaram-nas a financiar a primeira viagem delas para o litoral e um fim de semana na França. Dodie e Luli tiveram sorte. Seus empregos proporcionaram novas paisagens, contatos com o mundo intelectual e ampliaram os horizontes de conhecimento e compreensão.

Luli era dois anos mais nova que Dodie. A primeira vez que se aventurou em um emprego não teve muita sorte. Ela também queria ir direto para uma loja e usar aquelas “túnicas pretas e ter seus cabelos bem penteados” e para isso percorreu todos os bairros próximos a *Chelsea*, onde morava, mas não encontrou trabalho. Ao ouvir de Lily Browning que “havia um emprego” em uma loja próxima a *Clapham Junction**, ela percorreu várias milhas a pé e, chegando lá, foi rejeitada devido ao estado de suas mãos – elas estavam encardidas. A sujeira – a marca da pobreza e do trabalho doméstico – era incompatível com a aura de uma pessoa refinada a qual uma vendedora em uma grande loja de departamentos deveria deixar transparecer. Essas graduações de *status* eram rapidamente aprendidas. Sua mãe se aproveitou de seu frustrado retorno. Com jeito, ela sugeriu que para começar, enquanto não encontrasse emprego em uma loja, Luli poderia fazer alguns serviços de limpeza por 4 pences a hora e voltar para casa para cuidar de seus irmãos mais novos depois da escola. Luli, aflita com a hipótese de ter que enfrentar mais serviços de limpeza – “Por favor, mamãe, eu não quero ser faxineira”, “Ah, não, mamãe, eu não quero isso para mim” – com relutância acabou aceitando e em poucos dias tinha quinze empregos em uma única semana, todos conseguidos através dos contatos de sua mãe na clínica: em algumas residências, consultórios médicos, esfregando as escadarias de um bloco de edifícios comerciais em *Fulham*, além de outros. Ela, como Dodie, caminhava de *Fulham* a *Earls Court* e *Knightsbridge*, ida e volta todos os dias. Ela se vestia apropriadamente. “Dodie fez para ela um *vestido-saco* que ela usava para fazer limpeza e mamãe cortou um avental para ela usar sob o casaco.”

Luli só se livrou desses serviços quando sua mãe, após uma doença, deixou seu emprego na clínica em *Chelsea*, e foi trabalhar na cantina de uma fábrica à noite com a leve função de supervisionar as faxineiras. Sua mãe falou sobre a vaga na fábrica e após o serviço, Luli, com entusiasmo, vestiu-se e penteou-se para ver o emprego. Foi admitida e mais do que depressa abandonou a profissão anterior. Com o cargo de

* Uma estação ferroviária.

supervisora e cabelos bem penteados, ela se tornara “uma lady”, lembrou Rose, “e eu me perguntava onde estava a velha Lu que eu conhecia”.

A história dos primeiros passos rumo ao emprego de Luli e Dodie foi a mesma de muitas garotas de Londres. O mercado de trabalho, a princípio, era local e específico – “Todas elas trabalhavam nas fábricas mais próximas de suas casas”, como eu disse, ou nas lojas, escritórios, oficinas ou em qualquer lugar que oferecesse emprego.¹⁹ A resistência aos serviços domésticos era forte e persistente entre as garotas de Londres. Todas as fábricas colocavam nos quadros afixados nos portões a lista de empregos disponíveis ou anúncios em jornais locais solicitando “mão”-de-obra – “a única parte do meu corpo que realmente interessa a eles!”²⁰. Mas a “indicação” e o “encaixe” eram as principais formas de adquirir mão-de-obra, e a ocupação e os contatos da mãe, em geral, mais importantes que os do pai, embora o *status* do pai especializado pudesse ser decisivo.

Jane Smith, por exemplo, veio de uma família de artesãos por parte de pai e de pequenos comerciantes por parte de mãe. A mais nova dos cinco filhos (seus irmãos eram todos aprendizes de comerciante; uma irmã era costureira de roupas masculinas; a outra era empregada doméstica de uma luxuosa casa) foi mantida em casa, um ano depois que deixou a escola para cuidar dos afazeres domésticos e de seu pai e irmãos, em Pimlico.²¹

Meu pai veio de uma família na qual todos se orgulhavam de suas profissões; eles haviam sido treinados para elas. Eram artesãos. As filhas geralmente ficavam em casa, a menos que fossem também treinadas para serem professoras primárias ou empregadas de madames – em contato direto com a melhor classe social.

Só depois de “armar um alvoroço” e provocar uma “conferência de família” ela conseguiu que seu pai (sua mãe já havia falecido) permitisse que procurasse aprender o ofício de sua irmã mais velha – a costureira de roupas masculinas – em *West End*.

19 Senhora Payne, 1ª entrevista, p. 1. De fato, as pessoas percorriam longas distâncias para trabalhar. Os trabalhadores eram levados de East London para o oeste, na década de 30 – Barlow *Minutes of Evidence*, op. cit., p. 174.

20 Lily Van Duren, 1ª entrevista, p. 3. Quase todas que entrevistei mencionaram a relutância das garotas de Londres em se tornarem empregadas domésticas. Elas vinham de *Wales*, Escócia, zonas rurais e municípios nos quais não havia emprego e eram garotas muito nostálgicas, contavam. “Eu transformava minha angústia em choro”, disse a senhorita Sutton, WCG, p. 1. “A nostalgia tornava-se *histeria*”, disse Wilkinson, Ellen, op. cit., p. 268. O trabalho com munições gerou o êxodo de garotas em Londres.

21 Jane Smith. 2ª entrevista, p. 2.

Célia Wilmot, que se tornou secretária na *Fleet Street** durante os anos 30, era filha de um impressor morto na 1ª Guerra Mundial. A mãe de Célia, além de receber a pensão do Sindicato dos Impressores, trabalhava desde as primeiras horas do dia como faxineira na *Fleet Street* (e foi uma das organizadoras da Greve Geral que ocorreu por lá). Célia conseguiu um emprego como auxiliar de escritório nas gráficas *Pitman* assim que deixou a escola. Ela fez um curso de taquigrafia à noite e, sozinha, aprendeu a datilografar no escritório. Mas foram os contatos de sua mãe com os sindicatos, em virtude da profissão do marido, que proporcionaram sua ida para a *Fleet Street*.²²

A “habilidade” em um ofício era conseguida por acaso – quando era. O aprendizado era raro e, devido à má remuneração, os aprendizes trabalhavam sem vontade.²³ O primeiro emprego de Lily Van Duren, quando deixou o orfanato judeu em 1929 aos 15 anos, foi como costureira de roupas finas em *Conduit Street, WI*: “Os serviços de costura eram para ser feitos por crianças judias pobres”. Seu pagamento era de 10 xilins (50 p) por semana. Triste e zangada, quando por acaso ouviu uma conversa na qual ela e outros aprendizes eram descritos pelo proprietário como “garotinhas baratas”²⁴:

... imediatamente decidi procurar meu próprio caminho – essa resolução resultou numa busca desesperada até que encontrei emprego para trabalhar com roupas populares, de preços baixos. Eu descobri que não era boa naquilo que fazia e, pacientemente, tive que procurar outros serviços, sempre mudando de um emprego para outro, na tentativa de adquirir experiência... Eu aprendi olhando o que as garotas faziam; elas me ajudavam no que podiam e assim, pouco a pouco, fui progredindo e me tornei uma experiente auxiliar de serviços de acabamento, capaz de encontrar trabalho nos períodos difíceis.

* Uma área de Londres onde estavam localizados os jornais mais importantes.

22 Célia Wilmot. 1ª entrevista, p. 11.

23 Não havia um ensino formal para os aprendizes. As confecções, chapelarias, alfaiatarias e as oficinas de bordados propunham-se a pagar um salário baixo para as garotas, enquanto “aprendiam” o ofício. Strachey, Ray. *Carreers and Openings for Women*, 1935, pp. 98-9. Ela apresenta uma relação de 150 escolas técnicas para garotas fornecida pelo LCC, pp. 99-100. As confecções, por exemplo, mantinham as garotas nas fábricas e oficinas durante quatro anos para que “aprendessem” a tarefa. *NSL*, vol. 11, p. 13. *NSL*, vol. 5, p. 15, acrescenta outros nomes na relação acima.

24 Lily Van Duren, 1ª entrevista, pp. 2-3 e 7. Em 1926 os inspetores de fábricas descobriram que a maioria das mulheres aprendia seus ofícios apenas de olhar. *Annual Report of the Chief Inspector of Factories and Workshops*, 1927, vol. 9, p. 63.

Logo, Lily, do acabamento, passou a ser maquinista. Os maquinistas (como os homens eram chamados) recebiam mais do que os acabadores (a diferença entre os pagamentos na década de 1910 era de 2 libras e na década de 30, de 1.50 a 2.50 libras). Quando Lily foi para as máquinas:

Cheguei na fábrica e disse que era maquinista. Não fiquei lá nem por um dia. Fui demitida porque não consegui fazer o serviço. Depois de algum tempo, arranjaría um outro emprego como maquinista que também iria durar apenas algumas horas, e assim sucessivamente, até que, por fim, tornei-me uma experiente maquinista capaz de provar que realmente eu o era.

Jane Smith, filha do maquinista de *Pimlico* descrito acima, foi impaciente da mesma forma. Ela ganhava 8 xilins (40 p) por semana como aprendiz em uma confecção de roupas masculinas em Soho – uma situação a qual tanto ela quanto Lily se referiam como uma “perda de tempo”²⁵.

E eu fui ensinada para fazer o serviço. Eu não possuía nenhum registro como aprendiz... Recebia um mísero salário para aprender o ofício – era isso que importava. Meu pai não encontrou emprego para mim, minha irmã encontrou... ela trabalhava em uma pequena oficina na Marshall Street, Soho, na qual costumava-se contratar alfaiates. Havia uma grande sala com mesas – meia dúzia delas – e cada alfaiate possuía uma mesa com seu ferro de passar roupa (Você já viu um ferro de passar roupa de alfaiate? Era um grande pedaço de ferro de espessura grossa com um cabo colocado em um aquecedor a gás e... usado para passar e esticar a roupa feita. As mulheres eram consideradas incapazes de manusear esse enorme ferro) e seus apetrechos, suas máquinas de costura, possuía também o que era chamado de sua “mão”, isto é, uma mulher para ajudá-lo... E ele era chamado de oficial alfaiate... E éramos nós que fazíamos as roupas para os homens – “nós” entre aspas se você preferir!... Minha irmã conhecia vários alfaiates porque já trabalhava lá há alguns anos. Um dia falou a um deles, “Eu tenho uma irmã que quer aprender o ofício, quem poderia ensiná-la?”. Alguém respondeu, “Eu posso”. Lembro-me muito bem do salário – 8 xilins por semana pelo fato de estar aprendendo um ofício... Bem, na época eles achavam que isso levaria cinco ou seis anos. Mas aprendi em pouco mais de um ano. Eu até tive que estender um pouco mais esse prazo... mas não levou seis anos.

Como já havia aprendido o essencial do trabalho e também já conseguia observar as mais sutis distinções entre as habilidades das mulheres e dos homens (as mulheres em geral não chegavam a alcançar a posição dos alfaiates – com exceção das viúvas, mas mesmo assim elas eram responsáveis apenas pelo feitiço das “menores peças”), Jane deixou o emprego e quando se deu conta já estava trabalhando como costureira

25 Jane Smith. 1ª entrevista, pp. 9-15.

de roupas masculinas (coletes, especificamente) em uma confecção irlandesa com um salário de 30 xilins (1.50 libras) por semana. Mas ela estava disposta a tentar mudar esta situação: “Eu era um pouco rebelde... Não era o tipo de pessoa que ficava satisfeita com pouco”. Quando mais tarde eu perguntei o que ela queria dizer com “rebelde”, Jane respondeu que “*não* se conformava com certas coisas”. “Eu tinha opiniões próprias.”²⁶ Provavelmente foi para se proteger da competição de jovens como Jane que representantes de *West End* do Sindicato dos Alfaiates e Confeccionistas não aceitavam mulheres na associação.²⁷ Mas Jane fugiu à regra. Ela foi se infiltrando até que conseguiu se sindicalizar. Ela fazia suas contribuições regularmente, tinha um forte senso da especialização aprendido de seu pai, e estava sempre lendo os jornais operários e os livros de seu pai – William Morris e Upton Sinclair (além de *The Ragged Trousered Philanthropist*, de Jack London)²⁸. Mas como toda mulher sabe, conhecimento e habilidade nem sempre são suficientes para acabar com o preconceito masculino:

Eu entrava nas lojas e dizia: “Vocês estão precisando de uma boa costureira para confeccionar coletes nessa loja?”. E se você me permite dizer, eu era uma jovem cheia de vida, de cabelos avermelhados e de rosto sardento, provavelmente um pouco diferente das outras garotas. Não era bonita e nem tinha nenhum atrativo. Mas era rebelde, uma comunista dos velhos tempos. Talvez fosse isso que se destacasse em mim. Mas eu conseguia o trabalho e me saía bem nele.

A profissão do pai poderia trazer confiança, criar expectativas e até proporcionar o acesso ao trabalho qualificado. As famílias mais numerosas tinham muita influência em uma cidade de pequenos comércios e indústrias diversas com um enorme setor de serviços; mas geralmente os contatos da mãe eram os mais importantes, às vezes decisivos. Ela era responsável pelo orçamento da família e, pelo menos durante os primeiros anos, pela maior parte dos salários das jovens:

Você voltava para casa como os homens faziam no passado, com seu envelope de pagamento. Ela o abria e dava a você 5 ou 10 xilins. Era uma remanescência da era Vitoriana, e você tinha as obrigações de um homem na família.²⁹

Para a maioria das jovens, seus primeiros empregos representavam um compromisso entre a rude estrutura do mercado de trabalho local, as necessidades da família

26 Jane Smith. 1ª entrevista, p. 15.

27 Jane Smith. 1ª entrevista, p. 15. (O Sindicato dos Alfaiates e Confeccionistas incorporou a associação dos artesãos, em 1932.)

28 Jane Smith. 1ª entrevista, pp. 16, 19.

29 Célia Wilmot. 1ª entrevista, p. 23.

e seus próprios desejos. Surpreendentemente, o que emerge na conversação é a extensão da medida em que as mulheres sentem terem escolhido suas profissões. “Eu sempre quis trabalhar com máquinas”, disse Margaret Payne, a nona das onze crianças de uma família de *Bermondsey*. Ela estava descontente até que encontrou uma boa colocação em uma fábrica de artigos de couro. Sempre trabalhando nesse mesmo tipo de indústria na região sul de Londres, ela recusava promoções – não queria ter autoridade sobre as outras mulheres e garotas, mesmo quando foi treinar jovens mulheres em outra firma. Quando eu a encontrei no final dos anos 70, ela era uma profissional respeitada, que trabalhava como desenhista autônoma. “Eu queria trabalhar em fábricas”, disse uma outra mulher que se tornou enroladora de bobinas em *Woolwich*: “eu não suportava o trabalho de escritório”.³⁰

As divisões e desigualdades sociais eram identificadas pelo linguajar e elas intervinham na escolha: as garotas que iam trabalhar nos escritórios eram aquelas que eram bem situadas e de fala polida; as outras eram consideradas “comuns”. A garota que conseguia uma cobiçada bolsa de estudo para a escola primária era a “filha de um profissional que ocupava uma posição de destaque, o investigador de polícia local”, por exemplo. Nos empregos domésticos ou nas lojas ou restaurantes finos, você encontrava “pessoas dos melhores níveis sociais”. A maioria dos homens e mulheres entre os pobres de Londres estava colocada dentro de uma hierarquia escalonada do “mais refinado” ao “mais humilde”, passando por diferentes níveis de religiosidade (“Nós íamos à igreja três vezes no domingo”, May Jones disse para mim, “nós nos destacávamos dos outros”), de “apresentação pessoal”, de cultura e também de capacidade.³¹ Eu disse “ainda”, porque essa é uma hierarquia familiar a todos aqueles que estudaram a velha Londres do século XIX e que permanece viva na memória popular. As divisões dentro da classe operária, ou entre os pobres, são lembradas em detalhes. A primeira imagem que vem à mente é a da criança e de seu ambiente: a família, a rua, a escola. As jovens nascidas e criadas em tais ambientes tinham essa lembrança tão nítida, em parte porque queriam livrar-se delas. Um bom emprego e, mais tarde, o casamento pareciam ser a saída.³² A exceção a essa regra, ainda que atenuada, era dada pelas opções de algumas que queriam continuar estudando. Elas ficavam desapontadas e às vezes zangadas de terem que deixar a escola aos 14 anos. Mesmo que conseguissem ganhar a rara e tão cobiçada bolsa de estudos para a escola secundária ou profissiona-

30 Senhora Payne; senhora Murphy. Os empregadores queriam trabalhadores jovens; eles eram mais fáceis de serem treinados. Dennison, S. R. *The Location of industry and the Depressed Areas*, 1939, p. 78.

31 May Jones. 1ª entrevista, p. 3.

32 Jerry White argumentou em um recente seminário (junho de 1988) que as mulheres foram os “vetores de mudança” em Londres no período entre-guerras; veja sua obra, Bunk, Campbell. *The Worst Street in North London*, série *History Workshop*, outono de 1979.

lizante, o custo do uniforme e as necessidades financeiras da família impediriam-nas de continuar. Entre os mais pobres, até mesmo a hipótese de ser aprendiz de um ofício estava descartada – o salário era muito baixo e levava-se anos para se tornar um profissional. “Minha mãe reclamava o dinheiro do meu trabalho” – era a primeira dificuldade a ser enfrentada. “Eu não era burra. Aos 14 anos passei no exame preliminar para conseguir a bolsa de estudos para a escola profissionalizante; mas ela tinha que me dar o dinheiro para as despesas iniciais” – essa era a outra dificuldade.³³ As mulheres nunca se livraram dessa sensação de frustração, o que trouxe diferentes conseqüências. Ela foi responsável por fortes sentimentos de ambivalência em relação a suas mães e casas, os quais elas não queriam reproduzir (mas que estavam presentes em suas memórias de crianças na comunidade: “Ninguém jamais fechava suas portas”; “Todos entravam e saíam das casas uns dos outros”). Em alguns casos, essa sensação foi parcialmente responsável por um leve sentimento de injustiça social o qual levava a procura do sindicato ou o trabalho político com os desempregados, contra o facismo ou a favor da classe operária (não havia nenhuma consciência feminista *então*, entre as mulheres que entrevistei)³⁴. Mas, lastimavelmente, a sensação de frustração também contribuiu para a baixa auto-estima da qual muitas das mulheres daquela geração se sentiram vítimas. O desejo era muito maior do que a possibilidade de ter acesso aos estudos, e as mulheres que “falavam bem” e “sabiam bastante” eram admiradas e geralmente invejadas por aquelas privadas de uma boa educação. Essas jovens se esforçavam para melhorar, freqüentando aulas noturnas, adquirindo habilidade nas formas descritas acima, cuidando da aparência e tratando da vida social.

A vida era difícil pela falta da educação e pela pobreza da família, mas essa dificuldade nem sempre era sentida a fundo pelas jovens. Todas as mulheres às quais me referi consideravam-se, como elas mesmas afirmaram, mulheres de sorte por estarem trabalhando enquanto os irmãos e os pais geralmente estavam desempregados.³⁵ E também existia aquela excitação momentânea de deixar a escola e receber um salário, de usar as saias compridas e os novos penteados da moda, o que parecia antecipar uma nova independência, criar uma nova identidade.

33 Mary Welch (trabalhava com couro), *Working Lives*, vol. 1, 1905-45, *A People's Autobiography of Hackney*, n.d., p. 52; May Jones, 1ª entrevista, p. 3.

34 Veja nota 11 acima.

35 Barlow, *Minutes of Evidence*, memorando Ministério do Trabalho, p. 322, relatou a substituição de trabalhadores em Londres (City, GT, Marlborough Street, e Westminster) – existiam 95 vagas para cada garoto e 33,3 vagas para cada garota.

A aparência de criança mudava quando ela conseguia seu primeiro emprego. Dodie era tão pequena que mal alcançava o balcão da caixa registradora, quando começou a trabalhar no armazém; entretanto o cabelo estava sempre penteado para cima. Os irmãos e irmãs mais jovens deixados para trás na escola aprendendo pela cartilha, o trabalho do sábado e as brincadeiras de rua quando a necessidade de ganhar a vida empurrava a criança para o mundo adulto do trabalho, com novas preocupações e responsabilidades. A transição era sentida intensamente. Rose (a irmã mais jovem de Dodie e Luli) aos 13 anos ganhou uma bolsa de estudo numa escola particular. Ela podia freqüentar as aulas porque os ganhos dos irmãos mais velhos aliviavam as necessidades financeiras da família; e enquanto ela aguardava a matrícula aos 16, suas amigas da velha escola primária “tinham permanente nos cabelos, usavam bolsas e brincos”. Os garotos também sentiam a transformação. Após o aniversário de 14 anos, eles imediatamente apareciam vestidos com calças compridas³⁶:

Se suas mães trabalhassem com roupas havia uma possibilidade maior de uma nova calça pronta, mas geralmente as primeiras eram feitas em casa com as entepernas baixas e folgas cingidas por uma cinta. Eles alisavam os cabelos com água e faziam um topete com um pente que era sempre mantido nos bolsos em cima de seus paletós.

O vestuário não apenas marcou a transição da criança para o adulto; ele também carregou o visível peso das diferenças entre os sexos, além de manter a promessa de sonhos e pesadelos. À medida que as jovens cresciam, as imagens e identificações produzidas em suas fantasias eram demonstradas em cada par de sapatos novos ou em cada roupa especial. Pois, paradoxalmente, se a mudança de aparência era o mais imediato sinal do “abrupto e definitivo” término da infância, então como uma forma de auto-imaginação, ela também significava uma das etapas da transição entre a criança e a mulher. A maioria das garotinhas (e dos garotinhos) adorava se vestir com elegância. A descrição de Rose Gamble da paixão de Lu por “um horroroso vestido de baile preto e amarelo, pela saia bordada em contos”, que ela usava para ir a escola todos os dias, por exemplo, mostra a rara alegria sentida por uma criança normalmente vestida – como a maioria das crianças pobres – pela inevitabilidade das mães e irmãs que colocavam nelas roupas feitas com tecidos e penduricalhos trazidos do trabalho, encontrados em saldos ou generosamente doados por alguém.³⁷ Outras se lembram dos vestidos

36 Gamble, Rose, op. cit., pp. 186-222.

37 Idem, *ibidem*, p. 61.

brancos usados nas cobiçadas aulas de balé, das sapatilhas vermelhas, dos “sexis” calções de seda preta sob os justos trajes para ginásticas usados em uma escola de cursos profissionalizantes em *Holban*, dos chapéus de palha floridos e das meias brancas enfeitadas para as aulas dominicais de catecismo em *Hackney*. Cada uma destas memórias envolvia uma identificação imaginária com um gracioso ou belo “eu”, o qual antecipava a mulher que ela gostaria de se tornar e transcendia o trabalho duro e a pobreza a seu redor. E quando mais tarde o espartilho e o calção branco de algodão, ou o sutiã e o corpete, se ajustavam em seu corpo sob o vestido de seda sintética, com os sapatos de salto alto e o casaco de pele complementando o visual, ela se sentia uma pessoa nova e diferente.

Historiadores ingleses geralmente atribuem a relativa afluência das jovens trabalhadoras e suas novas auto-imagens ao crescimento do individualismo, à absorção de valores da classe média e ao início do consumismo dos anos 50.³⁸ Estas são verdades parciais, porém elas não se referem às diferenças entre os sexos. A aparência pessoal, geralmente, revela mais a psiquê feminina do que a psiquê masculina. O vestuário declara a feminilidade da mulher para o mundo exterior e funciona como uma medida de sua própria auto-estima. Poucas mulheres são desatentas em descrever as suas aparências ou se esquecem o que estavam usando nos principais momentos de suas vidas. As fábricas de roupa produziam vestidos e saias baratas em *Tottenham* e *Edmonton*; maquiagem, cinema e salões de baile não faziam parte da cultura da classe média antes de serem usados e freqüentados por garotas e garotos da classe trabalhadora. O cinema sempre foi um divertimento urbano barato, mas deveria ser limpo antes da entrada dos respeitáveis e educados cidadãos.³⁹ E embora a individualidade pudesse ser acentuada pelos novos prazeres – apenas por deixar as pessoas momentaneamente livres daqueles surrados uniformes da pobreza – o processo já estava a caminho muito antes do advento dos bens de consumo baratos na década de 30.

38 Richards, Jeffrey. *The Age of The Dream Palace*, 1984, pp. 208-10, 224, 323-4, no qual argumenta que os filmes ingleses da década de 30 perpetuam a hegemonia da classe dominante e o conservadorismo e o consenso político daquela década. White, Cynthia L. *Women's Magazines*, 1693-1968, 1970, cap. 8, apresenta as relações instáveis entre as identidades e aspirações da classe, a nova afluência e o consumismo doméstico.

39 Robert Murphy, “Fantasy Worlds: British Cinema between The Wars”, *Screen*, vol. 26, nº 1, janeiro-fevereiro, 1985, pp. 10-20, salienta que o cinema precisava de seu apelo à massa para obter vantagens, então ele juntava a variedade e o divertimento popular para garanti-las. De forma interessante, Elizabeth Bowen, em *The Death of the Heart*, 1938, tem seu herói e heroína da classe média-alta transformados em “trabalhadoras” quando vai ao cinema em Londres nos anos 30, Harmondsworth, 1984, ed., p. 43.

A princípio, quando eu conversei com as mulheres, perguntei sobre seus primeiros empregos. Eu estava interessada em seus trabalhos. Apenas mais tarde, fazendo a transcrição, eu reparei na insistente presença do vestuário, do romantismo e do lazer. Na fala (como na vida), o trabalho, o amor, a família e a política dificilmente se mantêm em compartimentos separados da mente. Os sonhos e fantasias impõem continuidade para os diferentes tipos de atividades do passado e do presente. Os sonhos – uma combinação de imagens pessoais ou traços de memórias do cotidiano – conferem à imaginação sua ação repetitiva e proporcionam a cada um de nós, de forma segura, nossa consciência do eu, da classe social, da relação de parentesco, da identidade étnica ou da afiliação política ou religiosa. E embora a satisfação de um novo vestido e a lembrança da violência, ou da separação só façam sentido no contexto de uma história pessoal, elas podem apresentar o perfil de uma condição social sentimentalmente compartilhada.⁴⁰

Memórias da autoridade: privação e separação

Vestir as crianças e cuidar do asseio da família era uma tarefa trabalhosa e consumia muito tempo. As memórias de uma mulher sobre sua aparência na escola geralmente evocam sua satisfação na época, o empenho da mãe com relação à “roupa” usada e o modo como o professor costumava destacá-las das outras garotas⁴¹:

Nós éramos muito bem vestidas com roupas feitas com aqueles materiais que minha mãe costumava juntar. Em geral eram adquiridos em saldo – porque minha mãe fazia tudo. Eu não tive nada comprado em loja até os 16 anos. Nós sempre éramos levadas para a frente da classe para mostrar como era nossa aparência, para que todos vissem nossas roupas com laços feitos de retalhos, broches e todo tipo de coisa. Isso foi antes do curso secundário. Mas sempre nos destacamos um pouco das outras garotas – pelo asseio, é claro, e porque tínhamos sapatos para os domingos. Eles não podiam ser usados durante a semana; nem as meias ou as roupas de ir à igreja. Não podíamos nem ao menos pedir para usá-los nesses dias – seria a morte. Eram para o domingo, somente para o domingo... Isso, vou te dizer, tinha um sentido de valorização tão forte que ficou comigo e com minha irmã para sempre. Com meu irmão, não... ele era esbanjador.

40 Para minha compreensão de fantasia, voltei-me para J. Laplanche e J.B. Pontalis, “Fantasy and The Origins of Sexuality”, *International Journal of Psycho-Analysis*, vol. 49, 1968, pt. 1. Veja também Elisabeth Cowie, “Fantasia”, m/f, n° 9, 1984, pp. 71-104, para a leitura de algumas das relações entre feminilidade, fantasia e filme.

41 May Jones. 1ª entrevista, pp. 8-13.

Na narrativa de May percebe-se algo do sentido do tempo e da disciplina na rotina doméstica em sua casa, em *Stepney*. A mãe dela morava com três filhos, seu avô, seu pai (“cuja palavra era lei... Tudo que era feito ou dito se referia a ele – era o chefe da família”) e “qualquer um dos primos” que a mãe costumava hospedar, numa casa de quatro cômodos do avô em *Stepney*. Seu marido trabalhava no cais em Londres separando ostras. Morreu de pneumonia quando May tinha seis semanas. À noite, a mãe de May trabalhava com costura, confeccionando blusas de mangas bufantes à máquina e fazendo os arremates à mão por seis pences a hora; pela manhã e tarde fazia serviços de limpeza; e nos finais de semana trabalhava como garçonete. Ela vestia o avô (que estava sempre “muito elegante – ele era motorista de carros fúnebres”) e seu filho da mesma forma que vestia as filhas, e tinha orgulho de sua própria aparência. Na descrição de May ela era “fantástica! Uma grande mulher”. Mas não era um caso excepcional. A semana de trabalho para as mães era uma semana de atividades incessantes – seu ritmo só era quebrado pelos rituais de domingo.⁴²

O destaque dado às crianças bem vestidas também não era algo que causasse surpresa. A educação era substancialmente baseada na ordem, através do exemplo, na exortação, no elogio e na punição. Num determinado momento do dia, que as crianças já sabiam de cor, elas eram alinhadas em silêncio em fila única no corredor ou no pátio de recreio, então, regularmente era feita a inspeção à cata de piolhos e sarna. Se descobertos, suas cabeças eram raspadas. Além de afetar o amor-próprio da criança, isso poderia causar um doloroso repúdio dos colegas. As regras de aseo e aparência eram gravadas na mente da criança também por outra razão. As crianças temem o abandono e a separação, os fantasmas que ameaçam afastá-las dos seus entes queridos – um medo provavelmente universal; e nas décadas de 20 a 30, a pobreza e a doença poderiam torná-los reais. A escarlatina, por exemplo, significava ter a cabeça raspada, ser removido de casa e ficar no isolamento do hospital por talvez seis semanas. Para May Jones, a experiência foi traumática. Ela usava uma touca de sabão carbólico de “sassafrás” em sua cabeça raspada e foi mandada “lá para os fundos *Kent*”⁴³:

Você nunca via seus pais nem ninguém... Se você tivesse a infelicidade de ter complicações nos rins, não os veria antes de três meses. Você não tinha nenhuma notícia deles até que viessem te ver. Você ficava num quarto isolado, coberto com folhas de zinco – um horror... na mais terrível solidão.

42 Rice, Margery Spring. *Working Class Wives*, 1939, 2ª ed., 1981, cap. 5.

43 Jones, 1ª entrevista, p. 10.

O horror de May, causado pela escarlatina, fundiu-se com as histórias que ouvia da mãe, avô e irmã – “histórias de família” – sobre o Dr. Bernardo veio com um furgão para levar as três crianças depois que seu pai morreu de pneumonia. Sua mãe agasalhou bem todas elas, mas ninguém explicou a May porque eles tinham ido e quem os mandou.

A Londres pobre tem longa memória – memória capaz de atingir o século XIX e a intervenção arbitrária em suas casas e famílias no período. As histórias de famílias falavam da interferência do missionário da cidade e do visitador social. Essas histórias, então, confirmavam a desconfiança, a alienação e a fragilidade das famílias quando se defrontavam com o visitador, professores, ou qualquer um bem vestido e falante investido algum tipo de autoridade. (O modo bem educado de falar era tanto uma importante distinção social quanto uma demonstração da ocupação ou do *status* e proporcionava satisfação na divisão entre “eles” e “nós”. A descrição de Rose Gamble das senhoras que atendiam na clínica materno-infantil em *Chelsea* onde sua mãe trabalhava – elas “já sabiam exatamente o que iam dizer mesmo antes das mulheres falarem alguma coisa” – é uma descrição sucinta das diferenças de classe que podiam ser observadas. Como na fala de Beatrice Webb: “Eu pertencia a uma classe de pessoas que estava acostumada a dar ordens”.⁴⁴) Mas, do ponto de vista da criança a humilhação pública, a qual a escola ou a autoridade de um outro mundo poderia impor, era emocionalmente menos constrangedora do que o efeito da descoberta de tal situação por sua mãe quando voltasse para casa. Para ela, a saúde, o asseio e a aparência dos filhos representavam amor-próprio e *status* na vizinhança. A infelicidade da criança de passar por essa situação significava a reprovação da capacidade da mãe; um sinal para os vizinhos e conhecidos de que naquele momento ela havia perdido a batalha contra os insetos, contra a contaminação e contra a doença – resultado do desmazelo e da falta de higiene na casa. Essa batalha era um constante desafio para a habilidade das mães e era visto como tal por ela e pelos outros “O que seu pai vai dizer?... O que os vizinhos vão pensar?” eram as palavras de muitas mães diante do desastre.

O desapontamento ou a censura de uma mãe geralmente era a repreensão suficiente para manter a criança na linha. A maioria se lembra – muito mais durante as conversas do que nas autobiografias escritas – de sua obediência. A irritação poderia resultar num safanão, num puxão de orelha e, em algumas famílias, em palmadas e surras com cinta. Algumas crianças tinham medo de seus pais. O pai de Doris Bailey (um francês que trabalhava com polimentos; eles moravam em *Bethnal Green*), gene-

44 Gamble, op. cit., p. 48; Webb, Beatrice. *My Apprenticeship*, 1926, p. 43.

roso, gentil e bondoso com as crianças quando sóbrio, tornava-se violento e rude quando bebia:

Muitas noites, minha irmã mais nova e eu ficávamos deitadas na cama imóveis ouvindo a gritaria do todo-poderoso lá embaixo. Sabíamos que alguém ou alguma coisa havia cruzado seu caminho e o deixado nervoso. Às vezes mamãe subia para o nosso quarto e chorando discretamente, sentava-se nos pés da cama. Calado, ele subia atrás dela. Abria a porta do quarto e apontava para baixo. “Desça e tome seu remédio”, falava rispidamente, com sua voz de bêbado. Soluçando, ela descia as escadas e a barulheira começava outra vez.

A violência não fazia parte da vida de toda criança, mas estava presente na maioria das casas apinhadas de gente da vizinhança, assim como a pobreza e a bebida. Tanto a violência quanto a bebida eram associadas aos homens ao invés de com a mulher. “Bebida e bares compunham a masculinidade”, escreveu Doris Bailey, “Não conhecia outro modo.”⁴⁵

Para uma geração inteira de crianças criadas em um clima de insatisfação em relação ao vestuário considerado inadequado – inadequado para a temperatura e conforto, inadequado para os padrões de decência e respeitabilidade estabelecidos pelo professor, e inadequados para evitar a ridicularização dos colegas – os primeiros itens comprados com o próprio salário são lembrados com extremo prazer. A senhora Murphy – que trabalhava em *Woolwich* enrolando fios – no apartamento da filha no sul de Londres, cinquenta anos depois, sentada e gesticulando com seus finos tornozelos e pés, lembrava-se dos pares de meias que ela e suas amigas costumavam comprar com alguns *farthings*⁴⁶:

... e eu comprava também sapatos por uns 4s11d (25 p). Os melhores que você podia comprar custavam apenas 6s11d. Sapatos bonitos que comprávamos que usávamos comprar por 6s11d. Eles eram de salto de plataforma com 5 cm. Os melhores eram de couro preto com adoráveis fivelas prateadas.

Parecia que esses sapatos haviam erradicado a memória das surradas botinas dos homens – remendadas, reformadas e, por fim, jogadas fora – e daquelas duras e extre-

* Moeda inglesa (um quarto de pên).

⁴⁵ Bailey, op. cit., p. 18. Veja também Ross, Ellen. *Fierce Questions and Taunts*, neste volume. A violência no casamento no final do século XIX em Londres.

⁴⁶ Senhora Murphy, 1ª entrevista, p. 4 [Frances Partridge, filha de um arquiteto, revelou que um par de sapatos custou a ela 45 p (2.25 libras) em 1918]. *Memories*, 1981, p. 58.

mamente desconfortáveis que as substituíam, usadas na época da escola e que estão na lembrança de todas as crianças dos anos 20 e 30. Todas as recordações descrevem a miséria, o desconforto das botinas furadas, as inflamações causadas pelo frio ou os pés descalços de muitos pobres que freqüentavam a escola no período interguerras. Nenhuma das pessoas que entrevistei ia para a escola sem sapatos, mas todas se lembravam das crianças descalças. Essas crianças, assim como os piolhos, os insetos, as casas de penhores, os missionários e aqueles visitantes sociais, são parte de uma memória compartilhada de pobreza.

Rebeldia e glamour

O novo consumismo também poderia ser mapeado nas reminiscências. Detonado pela produção em massa, seu crescimento foi desigual e fincado nas tradições locais através da distribuição de produtos e do desejo de adquiri-los. Até o final da década de 20, por exemplo, a maquiagem era primitiva, embora improvisada com inspiração⁴⁷:

Nós usávamos uma maquiagem forte naquele tempo. Coisas como rímel não conhecíamos. Nossa maquiagem era uma latinha com fuligem de chaminé que passávamos nos cílios e ao redor dos olhos e que poderia causar danos para as vistas para sempre. As sobrancelhas, cortávamos com tesoura – não existia pinça ou nada semelhante.

Aquelas que usavam maquiagem de verdade – que eram poucas em meados da década de 30 – estavam na vanguarda da feminilidade. Tinham a pretensão de ser as heroínas de tempos imemoráveis, que beliscavam as bochechas e mordiam os lábios para dar cor ao rosto. Mas até a 1ª Guerra Mundial, em Londres, a maquiagem era a marca da prostituta, da mulher leviana. Vera Brittain, que não era nenhuma amadora na arte da auto-ornamentação, demitiu a empregada no verão de 1918 porque ela “parecia uma prostituta pintando o rosto dez anos antes que o batom adquirisse a respeitabilidade da moda atual”. (Ela também fumava “cigarros fortes”, um outro sinal característico da mulher moderna.⁴⁸)

O vestuário e a apresentação pessoal, de certo modo, eram um símbolo da rebeldia, uma demonstração de independência geralmente combinada com amizades “suspeitas” ou aventuras amorosas – uma afirmação da individualidade, de distanciamento

47 May Jones. 1ª entrevista, p. 61; *Women's Magazines*, op. cit., p. 114: apenas 20% das mulheres usavam batom em 1930.

48 Brittain, Vera. *Testament of Youth*, 1948 ed., p. 304.

dos pais e da família. “Vivíamos todos com meu pai como uma família”, declarou a filha do mecânico de *Pimlico*⁴⁹:

... passávamos por dificuldades financeiras. Nós duas fumávamos – eu achava que era uma forma de me rebelar. Quer dizer... eu comecei a fumar quando me tornei uma adolescente, uma sufragista. Desafio. Tinha os cabelos tosados e infantilmente tentava me afirmar.

Cabelos tosados e cigarros, adolescente e sufragista: a rebeldia de Jane como vimos tomou a forma de desafiar seu pai e aprender uma profissão.

May Jones escolheu o romantismo como forma de rebeldia. Ela ia dançar no *People's Palace* na *Mile End Road* com⁵⁰

algumas amigas que não tinham uma boa educação. E você sabe, quanto mais inadequadas e inconvenientes fossem as companhias... Regularmente íamos a *Three Nuns* sem minha mãe saber. Essas garotas e eu costumávamos beber 3 p de vinho Porto para entrarmos no clima de maneira a que flutuássemos no tango e sei lá que mais.

Mais tarde, May afrontou sua zelosa mãe se casando com o gerente de um bar com o qual namorava escondido. Foi um “casamento romântico” e uma fuga premeditada da mãe, da irmã e da vida em *East End*. Não durou muito tempo e trouxe muita infelicidade, mas em sua mente ele esteve associado ao romantismo e a tudo que a vida de sua mãe não esteve.⁵¹

As jovens cresciam nas ruas e nas casas sujas, barulhentas e apinhadas de gente (assim como as outras pessoas), observavam seus pais e aprendiam o que significava ser uma mulher. “Nunca ninguém teve que me pedir para fazer o serviço doméstico”, comentou May Jones; “eu simplesmente via e fazia.” “Eu queria ser homem quando crescesse”, declarou Rose Gamble. Olhando para suas mães, elas viam a privação econômica, o trabalho duro e o descaso dos maridos que geralmente ficavam desempregados, que bebiam ou que as abandonavam (uma imagem recorrente nas recordações e autobiografias é aquela das mães esperando a volta de seus maridos ou os vendo partir)⁵². Elas vivenciavam as necessidades e ouviam suas mães falar sobre elas. A

49 Jane Smith. 1ª entrevista, p. 19.

50 May Jones. 2ª entrevista, p. 7, 3a. entrevista, p. 5.

51 May Jones. 2ª e 3ª entrevistas, *passim*.

52 May Jones. 1ª entrevista, p. 16. Gamble, *op. cit.*, p. 11. Para a espera das mulheres, veja, por exemplo, Knight, Doris. *Millfield Memories*, 1976, p. 8.

conversa de mulheres ouvida por acaso nas ruas e nas cozinhas era uma forma básica de adquirir conhecimento. As histórias eram sobre parto, aborto, morte, sexo e dinheiro, e ouvi-las era, geralmente, proibido.

O que podia ser ouvido ou falado era cercado de tantos tabus e proibições quanto o que podia ou não ser visto. Não falar durante as refeições, não falar inoportunamente, não responder. May Jones se lembra da vez que estava na janela da frente da sala em *Stepney* e viu uma mulher passando com uma enorme barriga. “O que ela tem na barriga?”, perguntou à sua mãe. Em resposta recebeu um tapa no rosto. O silêncio rodeava a sexualidade, principalmente a sexualidade feminina (não existia a palavra “grávida”; o termo usado para “menstruação” era “regras”; e quando Angela Rodway tentou descrever o que sabia sobre relação sexual descobriu que “não encontrava palavras para o que queria dizer”), e evidenciava a falta de auto-estima da mulher.⁵³

A maioria das jovens esperava se casar. Esta “espera”, reafirmada em fontes oficiais, negava a educação e a igualdade econômica e, como era alegado, fazia com que elas tivessem dificuldade em se estruturar na vida, ficassem preocupadas com o romance, e tudo mais. Além disso, o conhecimento sobre sexo, reprodução e seus próprios corpos, era aleatório e casual e, na maior parte das vezes, aprendido de forma equivocado. “Nós aprendemos de maneira suja”, era a frase freqüentemente ouvida; ou das colegas, ou das irmãs, ou nos *playgrounds* mas raramente das mães. Continuamente eu ouvia dizer que as mulheres iam para o parto na mais “completa ignorância”.

No final da década de 30, cada vez mais as jovens eram capazes de refugar suas vidas de mãe; não porque tinham novos empregos e roupas baratas, mas porque podiam ter menos filhos. Todas que entrevistei disseram ter tido menos filhos deliberadamente. Muitas haviam sido aconselhadas dessa forma por suas mães, como Jean Moremont: “A única coisa que minha mãe sempre dizia para mim era: – Não tenha muitos filhos”.⁵⁴

53 May Jones. 3ª entrevista, p. 3; Rodway, Angela. *A London Childhood*, 1960, 1985 ed., p. 52; Stopes, Mary. *Married Love*, 1918, de acordo com ela mesma quebrou o silêncio, e isso é confirmado por Robert Roberts. *The Classic Slum: Salford Life in the First Quarter of the Century*. Harmondworth, 1973, pp. 231-2.

54. Moremont, Jean (ed.), McCrindle, Jean e Raubotham, Sheila. *Dutiful Daughters*, 1977, p. 149. Gittins, Diana. *Fair Sex, Family Size and Structure*, 1990-39, 1982, argumenta que as mulheres alteraram o tamanho da família devido a situação sócio-econômica – especificamente pelo trabalho fora e pelo conhecimento em relação a sexualidade e controle de natalidade; veja esp. pp. 19-25, caps. 5, 6. Hubback, Eva M. *The Population of Britain*, Harmondworth, 1947, cap. 4, argumenta sobre o padrão de vida mais alto e sobre as aspirações que reduziram a taxa de natalidade.

A esperança de viver “vidas diferentes” das de suas mães tinha – se a educação havia falhado – a grande influência do cinema. Em meados dos anos 30, a *Oxford Street*^{*}, as lojas de departamentos e similares locais começaram seu reinado como o centro da moda para a jovem trabalhadora – o local adequado para sua nova e tão ostentada condição. As costureiras de roupas finas continuavam apresentando os caros cetins e brocados; e as vitrines ainda exibiam nos manequins suas roupas perfeitamente drapeadas. Mas a alta moda não conseguia deter a imaginação das jovens. As imagens imitativas de Jean Harlow, Greta Garbo e Joan Crawford desfilavam pelas principais ruas quando elas brilhavam nas telas de cinema. Poucas, na década de 30, podiam comprar as novas roupas em lojas.

As mães, irmãs e amigas apressadamente copiavam o vestuário das estrelas utilizando materiais baratos adquiridos em feiras ou lojas de departamentos igualmente baratas. “Eu tinha amigas que trabalhavam com costura e em chapelarias”, explicou Célia Wilmot⁵⁵:

Elas sabiam fazer os chapéus para nós – o que não era muito comum – e podiam fazer nossos vestidos por meros 10 xilins (50 p)... Ah!. eu adorava aquelas roupas, adorava aqueles vestidos... Como jovem, você tinha que ser considerada elegante... Adquirir um *tailleur xadrêz*, um chapéu branco com uma fita preta e branca em seu redor, tudo combinando. E ter também luvas brancas e sapatos preto e branco, ou mesmo pretos, mas contanto que os tivesse, para que em certas ocasiões sua elegância se destacasse. Mas você usaria esse traje somente aos domingos, a princípio... depois, apenas quando saísse para fazer compras antes de Pentecostes e do Natal – duas vezes por ano... E eu até troquei minha bolsa para que ela ornasse com todo o resto.

Fazer compras era um ritual, um tributo a uma ocasião especial – uma atividade realizada com plena satisfação. Por outro lado, ver vitrines era um divertimento tão comum, quanto o cinema e os bailes. Helena Rubinstein afirmou ter democratizado o glamour, mas as máquinas de costura, produzidas em massa no início do século XX, compradas a prazo e geralmente herdadas de suas mães ou sogras, fizeram a parte delas. Dessa forma, através das principais ruas da moda ou das máquinas de costura, o manto do glamour passou das aristocratas e cortesãs para as garotas das lojas, escritórios ou fábricas via estrelas de cinema.

Não há dúvidas de que as estrelas de cinema transformaram as identidades populares da feminilidade. Mas, nem todas as mulheres se identificavam com essas estrelas

* Uma das principais ruas de Londres, famosa por suas lojas.

55 Célia Wilmot. 1ª entrevista, p. 22.

ou queriam ser como elas. Tudo dependia do tipo de mulher que você queria se tornar. Angela Rodway, por exemplo, que descobriu o êxtase pela primeira vez quando sua escrita foi elogiada na escola, e que como Jean-Paul Sartre revelava quase o prazer físico nas palavras e sentimento poético, usava camisas com o colarinho aberto, imitando Shelley, e desenvolveu um andar manco em simpatia por Lord Byron.⁵⁶ Rose, como vimos, quando crescesse queria ser homem. Jane, apesar do encanto de seus cabelos cacheados e olhos azuis, tinha seu coração voltado para o próprio sindicato e para o socialismo. Apenas algumas incorporavam totalmente as identidades extraídas das imagens da tela e das histórias que representavam (eram impressionantes as diferentes versões de metamorfose e como as heroínas mostravam-se afastadas da vida doméstica). May Jones falava em nome de muitas garotas quando descrevia suas idas ao cinema, uma vez ou mais por semana, e “você representava o que via nos filmes durante o resto da semana”. Os sapatos de salto alto e o caimento do chapéu, por um momento, davam a ilusão de riqueza, de abundância, de ser como Greta Garbo ou Girger Rodgers⁵⁷: “Você provalmente via o filme em torno de duas ou três vezes gastando uns 6 p, e então absorvia sua essência... e você caminhava ao longo das ruas envolvida numa atmosfera de sonhos criada por ele”. O cinema oferecia à grande massa feminina uma alternativa a suas mães e professoras (“seios batidos, rostos sem pêlos, óculos com armações de tartaruga” como uma descreveu), e apresentava a verdadeira classe alta. As “vamps” dos anos 20, Greta Garbo, Marlene Dietrich, Carole Lombard e Mae West, representavam também um segmento da ousadia tão bem conhecida de Mary Loyd e suas contemporâneas, com os quais talvez suas mães tivessem se identificado.⁵⁸

Mas essas novas imagens de glamour foram consagradas. “O *East End** tem uma larga tradição de glamour”, me disse uma amiga nascida e criada em *Stepney*. A maioria

* Quarteirões populares de Londres, situados ao seu extremo leste, em posição oposta ao West End, que é o bairro elegante.

56 Rodway, op. cit., p. 82; Cole, Margareth. *Growing Up in a Revolution*, Londres, 1949, p. 22, uma das muitas que queriam ser homens.

57 May Jones. 2ª entrevista, p. 15. Para a frequência das mulheres no cinema, *NSL*, vol. 9, p. 40. As recordações revelam que os homens também se vestiam com elegância, mas a bebida, o jogo, a violência e a possibilidade de fazer sexo ao invés de manter um romance com uma mulher eram seus (às vezes transgressivos) prazeres.

58 Violet Baoulton. 2ª entrevista, p. 10. Para o impacto dos *music-halls* naquela geração, veja o ensaio de G. S. Jones nesse volume. Marie Lloyd fala sobre Londres, amor, bebida, maridos, esposas; ela era como seu público na época; para a descrição sobre ela, Jameson, M. Storm. *No Time Like the Present*, 1933, pp. 73-4. Jessie Matthews, a segunda mais popular estrela das *music-halls* na Inglaterra nos anos 30 (a primeira era Gracie Fields) também se aproximava mais de Londres do que de Hollywood.

das recordações inclui alguém como a tia de Célia, que trabalhou como faxineira sua vida toda em *Convent Garden**, e “o adorava”⁵⁹:

ela era muito bonita, com lindos cabelos encaracolados e belas roupas. A imagem que guardo dela é de uma mulher adorável, de aparência jovial, em seu elegante vestido e com um chapéu de cetim em forma de turbante, enfeitado com uma rosa.

Arthur Harding, um extraordinário autobiógrafo de East End, data a paixão por casacos de pele entre as mulheres de *Bethnal Green* do início da 1ª Guerra Mundial.⁶⁰ Levando em conta o fato de ser um homem, sua explicação para o fenômeno é provavelmente perfeita: era uma época de inesperada afluência, quando os homens estavam ausentes e as mulheres “ficavam enlouquecidas pelas peles e pianos”. A questão era que as peles podiam ser compradas baratas. Não só elas, mas como tudo que era admirado pelas pessoas das classes mais baixas, e ainda em prestações semanais. May disse para mim⁶¹:

Nós tínhamos vários casacos de pele. Costumávamos comprá-los a prestações... Imagine você, o carvoeiro era quem os vendia. Carvão e sapato sempre vinham juntos. Trazia meia dúzia de pares para experimentar. Geralmente, pagávamos o carvão por semana (6 p), e ele acabava incluindo o valor do casaco e dos sapatos nesses pagamentos. Ele era um empreendedor, e não um simples carvoeiro.

Célia se lembra de um casaco de pele comprado em uma liquidação, o qual após algumas reformas, transformou-se num modelo da última moda. Ele foi usado com um chapéu ornamentado por um véu em uma manifestação contra o desemprego, onde gritavam, “Queremos pão!”. Nessa época ela recebia um salário alto – 4 libras por semana. O casaco havia custado 5 libras.⁶² A pobreza e o desemprego não impediam os pequenos luxos; e esses, apesar da famosa equiparação de Orwell entre os luxos baratos e os paliativos políticos, não necessariamente inibiam a consciência política.⁶³

* Uma área de Londres famosa então por seu mercado de frutas e verduras e agora substituída por lojas populares (porém caras) e lanchonetes.

59 Ann Mitchell numa conversa; Célia Wilmot, 4ª entrevista, p. 2.

60 Samuel, Raphael (ed.). *East End Underworld: Chapters in The Life of Arthur Harding*, série *History Workshop*, 1981, p. 237.

61 May Jones. 1ª entrevista, p. 8.

62 Célia Wilmot. 1ª entrevista, p. 22.

63 Orwell, George. *Road to Wigan Pier*, 1937, p. 90.

O desemprego em Londres na década de 30 não pertencia a uma cultura diferente daquela das jovens que usavam batom e iam ao cinema.

Os ornamentos baratos que proporcionavam o glamour eram avidamente adquiridos por muitas jovens nas décadas de 20 e 30 – frustradas em seus desejos de continuidade nos estudos; ansiosas por escapar da rotina doméstica da vida de suas mães e perseguidas pela fantasia, não da prostituta do século XIX, mas da glamourosa heroína das telas de cinema que paradoxalmente poderia ser a garota “ao lado”. Mas se a adolescência é a fase na qual tudo parece possível; na qual a identidade é formada e a imaginação com dificuldades aceita o convencional e a limitação, as condições econômicas no período interguerras asseguraram que o brilho e o esplendor da maioria das jovens trabalhadoras, simbolizados por seus vestidos, eram efêmeros. A disciplina da linha de produção, prefigurada pela escola, autoridades e pais, diminuiu, para não dizer que acabou por completo com a alegria daquelas jovens assim que entravam para a força de trabalho. O aumento de produção e o sistema de trabalho por tarefa foram responsáveis por doenças e esgotamentos físicos; a supervisão era rigorosa e o período de trabalho longo. O desemprego, é claro, era o mais severo disciplinador⁶⁴:

Tudo que eu pensava era que não podia perder o emprego. Você não podia nunca, nunca estar fora do trabalho. Existia a possibilidade de você sair na sexta-feira, e quando voltasse na segunda, estar desempregada... Você não podia se arriscar, porque não havia trabalho, entende? E mesmo agora, depois de todos esses anos (eu saí de lá praticamente há pouco tempo, aos 65 anos), vou te dizer, permanecer no emprego é uma coisa muito importante. Naquele tempo, você não punha tudo a perder, não... Fazia tudo direitinho, corretamente, para não ser demitida. No máximo, você mudava de cargo. Pedir a conta, então, só em casos extremos. Precisava haver uma completa revolução para você sair.

Mais tarde, o casamento e a maternidade produziram diferentes aspirações e responsabilidades. As meias de seda e as peles que indicavam a auto-afirmação foram substituídas, embora não esquecidas, pelas necessidades das crianças e exigências do marido e do lar. O vestido para a maioria das mães se tornou um símbolo da privação e não do supérfluo. Pelo menos, é dessa forma que algumas mulheres se lembram de suas mães nas décadas de 20 e 30. “Ela não tinha a menor vaidade”, descreveu Rose Gamble a respeito de sua mãe⁶⁵:

Mas às vezes ela imaginava um belo modelo. Talvez nos retalhos de alguma roupa de Dodie, ou num rolo de juta exposto na casa de ferragens. “Acho que daria uma bela túnica”, ela dizia, mostrando por um momento que ainda restava alguma auto-estima.

64 May Jones. 1ª entrevista, p. 4; 2ª entrevista, p. 15.

65 Gamble, op. cit., p. 33.